

Educação Midiática e Educomunicação para o Mundo Conectado¹

Thayná Rafaela de OLIVEIRA²

Rose Mara PINHEIRO³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande, MS

RESUMO

As transformações provocadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação têm nos levado cada vez mais a refletir sobre como lidar com uma sociedade conectada e midiática. A resposta para entender melhor a realidade pode estar no desenvolvimento de habilidades para conviver com tanta informação e, ao mesmo tempo, participar ativamente desse cenário. Neste contexto, a Educação Midiática e a Educomunicação são ainda mais necessárias e urgentes. Este artigo está fundamentado principalmente em Ferrari, Machado e Ochs (2020), dialogando ainda com Kellner e Share (2008) e Bévort e Belloni (2009), com o objetivo de apresentar brevemente o conceito da Educação Midiática e como ela pode ser aplicada desde a infância, alinhada aos princípios da Educomunicação, defendida por Soares (1999; 2014).

PALAVRAS-CHAVE: Educação Midiática; Alfabetização Midiática; Educomunicação; Educação.

Introdução

Quase duas décadas depois do conceito de Cultura da Convergência, de Henry Jenkins, ainda é possível não se perceber o mundo midiático proposto pelo autor?

Pode ser ultrapassado e até simplista utilizar essa referência depois de 16 anos desde a sua publicação e as inúmeras transformações ocorridas com a *Internet* e o mundo conectado, mas quando o aplicativo *TikTok* se torna a rede social do momento, não há como deixar de pensar na proposição de um cenário composto por um grande fluxo de conteúdos em diferentes plataformas e, principalmente, nos conceitos de audiência participativa e produtora de conteúdos (JENKINS, 2009).

O celular e as ferramentas simples de edição liberadas pela plataforma possibilitam que qualquer pessoa de qualquer parte do mundo, com acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e à *Internet*, possa produzir e compartilhar conteúdos diversos por meio de vídeos curtos em uma rede social que apresenta como

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra em Comunicação pela UFMS, e-mail: thayna.rafaela.oliveira@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMS, e-mail: rose.pinheiro@ufms.br

missão “inspirar a criatividade e trazer alegria” (TIKTOK, 2022). Esse é apenas um exemplo banal de como de fato houve a passagem de consumidores a produtores de conteúdo (claro que dentro de uma cultura e cenário tecnológicos e midiáticos onde seja possível a interação).

No entanto, este artigo não é uma discussão sobre as teorias da obra do autor e sim sobre um mundo conectado e digital, dividido por uma linha tênue entre o real e o virtual, onde se estabelece um ecossistema comunicativo cada vez mais complexo, no qual crianças, jovens e adultos têm se apropriado dos meios de comunicação para se informar, comunicar e se expressar, e precisam aprender cada vez mais a lidar com esse arsenal tecnológico e midiático.

Este artigo pretende, então, refletir e reforçar a necessidade da Educação Midiática e discutir como ela pode ser iniciada com base na Educomunicação, destacando o diálogo, a participação e a interação para o desenvolvimento desse tipo de alfabetização e, ainda, como essas características são importantes para que esse processo seja iniciado na infância.

Essa discussão é parte da dissertação “Educomunicação, Desenho Animado e Público Infantil: Análise e Sugestão para a Alfabetização Midiática na Infância”, defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em 2021. O objetivo foi discutir o processo de Alfabetização Midiática na infância, por meio da análise crítica de um produto midiático conhecido por crianças, em sala de aula e mediada pelo professor (OLIVEIRA, 2021).

O intuito, aqui, portanto é trazer parte dessa reflexão teórica para a apresentação da importância do início da Educação Midiática na infância apontando a Educomunicação como o caminho para que o processo seja iniciado de forma simples com o público infantil.

A própria engrenagem do sistema da sociedade tem pedido ações para lidar com os conteúdos dispersos nesse ambiente de conexões, onde se interpelam informação, educação, entretenimento e diversão com desinformação, discursos de ódio, preconceitos, manipulação e exploração infantil (FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020), enfatizando a necessidade de uma educação voltada para a mídia.

Essa necessidade, que não é nova, ganha cada vez mais urgência diante do enorme fluxo de informações a que estamos expostos diariamente. Nesse cenário, não basta ler o que chega às nossas mãos. É preciso saber filtrar e interrogar a informação, não apenas consumir. É preciso

dominar as linguagens que nos permitem ter voz e, com isso, participar plenamente da sociedade conectada. (FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020, p. 26).

Um exemplo recente dessa necessidade é a reunião convocada, em junho de 2022, pelo Supremo Tribunal Federal (STF), com professores de 12 universidades públicas que irão auxiliar na parte de criação e divulgação de campanhas, palestras e pesquisas no Programa de Combate à Desinformação (VICENTE, 2022).

O programa tem duas frentes de execução: a organizacional e a de comunicação. A primeira é focada na realização de ações, mensuração de dados, aquisição de recursos e aproximação com instituições que atuam no combate à desinformação. A segunda está voltada à capacitação de profissionais com base na Alfabetização Midiática, publicações de conteúdos de contestação de boatos e notícias falsas, bem como de valorização do Tribunal (SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, [2021?]).

De acordo com informações da Folha de S.Paulo, para a divulgação de informações confiáveis serão utilizados o site, as redes sociais e a TV Justiça, e o Tribunal irá se basear em três pilares para a criação de conteúdo: a explicação, a tradução e a humanização. As redes sociais ganharão destaque como um dos principais focos das ações do programa, com a publicação de vídeos no *TikTok*, por exemplo, para que haja uma produção específica para crianças e jovens (VICENTE, 2022).

Em entrevista à Folha, docentes da área da Comunicação e da Informação afirmaram que o combate à desinformação deve começar na formação educacional e enfatizaram a importância de uma Educação Midiática para percepção e discernimento do que é certo ou errado no ambiente virtual e digital. Uma das professoras entrevistadas alertou para a liberdade de expressão, que não deve ser utilizada fora de contexto, com a distorção de fatos e propagação de outro entendimento sobre o mesmo assunto que não seja o verdadeiro (VICENTE, 2022).

A produção de conteúdos proporcionada pelo *TikTok* e o combate à desinformação no projeto do STF vão ao encontro às habilidades desenvolvidas pela Educação Midiática. Uma educação que vai muito além da técnica ou da luta contra o fenômeno das *fake news*. Ela é a base para a interpretação da informação, entendendo a diferença entre notícias, artigos de opinião, sátiras, publicidades etc; fornece ferramentas para que seja possível entender a pesquisa de fontes, a comparação e o questionamento de informações; e, ao mesmo tempo, permite o desenvolvimento de habilidades que possibilitam o exercício da

cidadania de forma mais completa, a partir da apropriação adequada dos recursos da informação e da comunicação.

Educação Midiática e Educomunicação

Hoje, a mídia e as plataformas diversas, no virtual e digital, trazem novos modos de expressão e de participação dos indivíduos na sociedade, principalmente dos jovens que estão cada vez mais imersos nesse ambiente. Além disso, com as redes sociais, a comunicação tem ganhado força no formato audiovisual, um modelo pelo qual a geração de hoje se utiliza para se expressar, aprender, acessar informações e criar narrativas. No entanto, é preciso identificar e pensar intenções, ter leitura e repertório, responsabilidade, ética e discernimento. Um aprendizado que vai além da técnica.

Nesse universo, é importante construir habilidades para que desde cedo crianças e adolescentes possam tanto acessar as informações de forma adequada, conseguindo analisá-las e consumi-las de forma crítica, quanto se expressarem de forma clara e responsável. Habilidades que contribuem para o exercício pleno da liberdade de expressão e da cidadania.

Para Ferrari, Machado e Ochs (2020), é necessário, então, uma Educação Midiática para a população que seja voltada para o mundo digital, virtual e tecnológico. Uma educação além da formal e informal, que englobe diferentes linguagens e criações multimídia, e não se baseie apenas no conhecimento da técnica, mas também no desenvolvimento crítico e no aprendizado pleno do indivíduo, em busca de capacitar a população enquanto cidadãos realmente participantes e ativos na sociedade (APARICI, 2014; FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020).

No entanto, a Educação Midiática não é algo novo. Na América Latina, por exemplo, há descrições de ideias e práticas próximas desse conceito desde por volta da década de 1960, realizadas em projetos ocorridos na época, como o Plan del Niños, no Equador, ou mesmo o Cineduc, no Brasil (SOARES, 2014a).

Uma articulação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), no entanto, foi o marco para a aproximação da Comunicação e da Educação, na esfera das políticas públicas.

Para tanto, a organização promoveu um encontro no México, em dezembro de 1979, reunindo os ministros da Educação e do Planejamento dos países do continente, com o objetivo de examinar os problemas fundamentais da educação no contexto do desenvolvimento

geral da região, criando, para tanto, um plano comum, denominado Projeto Principal de Educação na América Latina e Caribe. Em decorrência, em abril de 1981, a Unesco reuniu ministros da Educação, em Quito, para especificar as ações nas áreas do uso dos meios de comunicação nas escolas, bem como no tópico da educação crítica frente às mensagens massivas (SOARES, 2014a, p. 20).

Dando início, assim, a uma discussão que culminou no surgimento de um novo termo: o da Educação para Comunicação, enquanto fenômeno humano e político (SOARES, 2014a). Desde então, diversas têm sido as nomenclaturas para designar esse trabalho, entre elas a Educação Midiática e a Educomunicação.

A primeira enquanto uma vertente que busca oferecer habilidades para participação e reflexão nos ambientes midiático e informacional. A segunda como um campo de estudo e um paradigma na interface Educação e Comunicação, que promove além da análise e compreensão dos meios de comunicação e informação, a prática para aprender a lidar com eles.

De acordo com o “Guia da Educação Midiática” (2020), elaborado pelo programa EducaMídia, criado pelo Instituto Palavra Aberta com apoio do Google.org, a Educação Midiática se estabelece como “o conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica e reflexiva do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos – dos impressos aos digitais” (FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020, p. 26).

Também conhecida como Alfabetização Crítica da Mídia (KELLNER; SHARE, 2008), ela está relacionada com o ensino e a aprendizagem voltados para a compreensão do funcionamento, linguagem, mensagens e conteúdos dos meios de comunicação e dos produtos da mídia. Esse tipo de alfabetização permite aos indivíduos analisarem, criarem e participarem do cenário midiático por meio de diferentes “formas de comunicação de massa, cultura popular e novas tecnologias” (KELLNER; SHARE, 2008, p. 691).

Já a Educomunicação é apresentada como um paradigma discursivo transversal, processual, midiático, transdisciplinar e interdiscursivo (SOARES, 1999), que promove a análise, o estudo e a utilização dos meios de comunicação em processos educativos, ampliando o escopo desse trabalho para além da prática em si (APARICI, 2014), tendo como principais características a promoção do protagonismo do estudante por meio do diálogo, da participação e da interação (SOARES, 2014c), contribuindo para a construção de um conhecimento conjunto, baseado nos princípios de Paulo Freire.

Nesse contexto, a dialogicidade é colocada como fundamental para o exercício da prática educacional, pois é por meio do diálogo que o conhecimento pode ser construído na relação educador-educando (APARICI, 2014; SOARES 2014b).

Como amplo campo de estudo, a Educomunicação ainda pode ser dividida em áreas de intervenção⁴ que compreendem a execução de atividades vinculadas tanto à Comunicação, quanto à Educação, que possuem em comum a ação comunicativa no espaço educativo (SOARES 1999; 2014c). Segundo Pinheiro (2013), o estabelecimento de tais áreas, não excludentes e não únicas, mostram que a Educomunicação vai além de uma educação para a recepção crítica.

Educação para a Vida Toda

Para José Luiz Braga e Regina Calazans (2001), a Educação resume-se na “percepção de que as ações sobre aprendizagem podem ser organizadas” (2001, p. 36). Ela está na sedimentação de conhecimentos e valores da sociedade de forma intencional, sendo responsável por transmitir o conhecimento daquilo que não se aprende em interação no âmbito privado do núcleo familiar, nos espaços públicos e sociais onde se desenvolve a cultura ou mesmo nas atividades práticas e realizadas nos espaços profissionais. A Educação promove a aprendizagem por meio do ensino, assegurando a sua manutenção ao longo dos tempos, (BRAGA; CALAZANS, 2001) e é o caminho para proporcionar o conhecimento (MAGALHÃES, 2007).

Com as transformações ocasionadas pelas TICs, o escopo da Educação tem mudado em busca de estar mais conectado com a sociedade e a cultura digital. E aprender a lidar com esse novo momento também pode ser feito de forma intencional, direcionada e responsável.

Além disso, há de se pensar com a *Internet* e as redes sociais, também foram modificadas as formas de se construir conhecimento. O *TikTok* novamente é exemplo disso. Por meio dele, usuários conseguem passar seus conhecimentos e experiências a outros, de forma simples e rápida, e em situações que chegam ao alcance de milhões de pessoas. Um movimento que está além da escola, mas poderia e tem sido levado para dentro dela, a partir do trabalho com os meios de comunicação e a mídia – e que não é

⁴ As áreas de intervenção são: Educação para a Comunicação; Mediação Tecnológica na Educação; Gestão Comunicativa; Reflexão Epistemológica sobre a Inter-relação Comunicação/Educação como Fenômeno Cultural Emergente; Expressão Comunicativa através das Artes; Pedagogia da Comunicação; e Produção Midiática Educativa.

novidade no setor da Educação, mas ainda encontra algumas resistências para sua plena execução.

O ponto aqui, no entanto, é se atentar a produção de conteúdo por parte de crianças e jovens com acesso às TICs e à *Internet*. E é aí que o desafio é muito mais complexo e abrangente.

Ferrari, Machado e Ochs (2020) já alertaram que “acesso, presença e alcance digitais, estão longe de equivaler a fluência digital, maturidade e responsabilidade para trafegar nas vias tão carregadas do ambiente informacional” (2020, p. 17). Ou seja, é necessário mais do que a experimentação desse mundo virtual para realmente aprender a lidar com ele, o que vai além da técnica e da simples intuição, que não implicam em “discernimento sobre o que é válido, relevante e confiável num verdadeiro mar de ideias, notícias, imagens, vídeos, narrativas, áudios e opiniões” (FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020, p. 17).

É necessária uma educação ampliada que englobe ações do mundo real, digital e virtual para que a população como um todo saiba como viver nesse cenário, mas principalmente aprenda a questionar e refletir sobre os conteúdos que produzem e consomem. E embora o aprendizado vá além das instituições formais de ensino, sendo possível aprender a partir da experiência, da interação e da observação (BRAGA; CALAZANS, 2001), não estando restrito à escola (MAGALHÃES, 2007), é nela que a aprendizagem acontece intencionalmente (BRAGA; CALAZANS, 2001).

De acordo com Citelli e Orofino (2014), a escola é o local adequado e estratégico para o exercício das mediações, bem como da instauração do diálogo, já que se constitui enquanto comunidade de interpretação e aprendizagem, e configuradora de valores, ideologias, representações e símbolos, e, por isso, nela também podem ser desenvolvidas ações relacionadas aos meios de comunicação.

Kellner e Share (2008) apontam que a Alfabetização ou Educação Midiática deve funcionar desde a infância até o ensino superior, a partir do uso dos meios de comunicação, da mídia e da cultura popular junto à uma pedagogia crítica. Nessa mesma linha, Bévort e Belloni (2009) discutem a importância de uma educação que ofereça habilidades para o entendimento da informação, que deve começar na escola e ser levada ao longo da vida.

Para que a sociedade da informação seja uma sociedade plural, inclusiva e participativa, hoje, mais do que nunca, é necessário oferecer

a todos os cidadãos, principalmente aos jovens, as competências para saber compreender a informação, ter o distanciamento necessário à análise crítica, utilizar e produzir informações e todo tipo de mensagens (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1081).

Mas então, como iniciar a Educação Midiática? Primeiro de tudo, é necessário entender que esse tipo de alfabetização, assim como o tradicional, é dividido e realizado em etapas. E segundo Ismar de Oliveira Soares (2014a) não existe uma fórmula única de como promover a Educação Midiática.

Como exemplo, o “Guia da Educação Midiática” (2020) do EducaMídia divide o processo em três grandes eixos: Ler; Escrever e Participar (FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020).

O eixo da leitura, ou “da análise crítica da mídia e do letramento da informação”, refere-se ao saber ler diante da abundância de informações na sociedade e dar sentido aos diversos conteúdos. Um trabalho que envolve o desenvolvimento da análise crítica da mídia, de uma leitura reflexiva de diferentes formatos de texto e do uso de técnicas de produção, pesquisa e curadoria, e é voltado a “entender as intenções por trás de cada texto de mídia, separar notícia de opinião, fatos de propaganda; e a reconhecer sátira, clickbait, mensagens falsas, inexatas ou tendenciosas” (FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020, p. 53).

O segundo eixo, o da escrita, refere-se à autoexpressão e fluência digital, que são desenvolvidas por meio da produção de mídia, em diferentes formatos, explorando o potencial narrativo, escolhas técnicas e criativas. Desse modo, “a educação midiática dá voz aos jovens, promovendo as habilidades necessárias para que eles possam publicar para audiências reais, envolver-se com questões relevantes de sua comunidade e dialogar com a sociedade” (FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020, p. 53).

Por fim, o terceiro eixo, da participação cívica na sociedade e da cidadania digital, tem o intuito principal de desenvolver a ética e a responsabilidade do indivíduo enquanto consumidor e produtor de conteúdo, refletindo sobre seu papel no ambiente informacional e midiático.

...a educação midiática nos ajuda a utilizar a tecnologia para promover a empatia, reconhecendo e respeitando diversas vozes, entendendo questões de representação e exclusão na mídia, ensinando as crianças e os jovens a dialogar, discordar e reagir nas redes sociais de maneira equilibrada e não violenta, combatendo a discriminação e o discurso de ódio (FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020, p. 53).

Os três eixos podem ser trabalhados a partir de atividades práticas que exerçam o lado criativo e crítico do indivíduo, por exemplo, com a análise de produtos da mídia, produção de conteúdos audiovisuais, elaboração de infográficos, entre outras.

E como aplicar a Educação Midiática dentro da escola e associada às diversas disciplinas? A execução das etapas da Educação Midiática pode se encaixar em uma das diferentes áreas de intervenção da Educomunicação propostas por Soares (1999; 2014b), mais precisamente na da Educação para a Comunicação.

Segundo Soares (2014a), a perspectiva educ comunicativa, com foco muito mais na cultura e não apenas na questão dos meios de informação, abriu o caminho para o ingresso da Educação Midiática na educação formal e não formal, já que a Educomunicação busca “sua sustentação não exatamente nos parâmetros da Educação (em suas filosofias ou didáticas) ou, mesmo, da Comunicação (em suas teorias e práticas), mas na interface entre ambas (SOARES, 2014a, p. 23).

Nesse contexto, é importante entender que

Educomunicação e educação midiática relacionam-se de maneira simbiótica. A primeira alimenta-se das práticas da educação midiática quando educa para o consumo das mídias e desenvolve a fluência e a ética no ambiente digital. E a educação midiática ampara-se na educomunicação quando, por exemplo, incentiva a autoexpressão de crianças e jovens para que tenham voz e plena participação na sociedade. (FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020, p. 51).

Assim como prevê a Educação Midiática, a prática educ comunicativa exige mudanças de atitudes e concepções para além do conhecimento da técnica (APARICI, 2014), em busca de “ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude” (SOARES, 2014b, p. 15).

Por meio da promoção e do fortalecimento de ecossistemas comunicativos, a Educomunicação procura ainda ampliar o potencial comunicativo e a expressividade dos membros da sociedade, por meio de referenciais e metodologias que permitem a relação dos sujeitos sociais com o sistema midiático (SOARES, 2014c). E quando a Educomunicação abre espaço para que as Tecnologias de Comunicação e Informação sejam utilizadas para ampliar a consciência e visão crítica daqueles que estão em processo de aprendizagem (SOARES, 2014c), tendo os espaços de educação formal e não formal como base para a sua execução, ela também permite o desenvolvimento da Educação Midiática.

A partir da criação de ecossistemas comunicativos e do desenvolvimento do diálogo, da participação e da interação, aliados à sua transversalidade e transdisciplinaridade – que permitem que a educação com e para a comunicação seja trabalhada em diferentes áreas –, a Educomunicação pode, portanto, contribuir para esse processo.

Desse modo, diferentes podem ser os caminhos para se iniciar esse tipo de alfabetização. Um deles, pela utilização dos princípios da prática educomunicativa para desenvolver os três eixos da Educação Midiática, que podem ser trabalhados em diversos níveis de imersão e aplicados diariamente na escola. E “quanto mais cedo melhor, garantem os especialistas, já que tais competências precisam ser continuamente exercitadas ao longo de toda a vida” (FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020, p. 49-50).

O Início da Educação Midiática na Infância

Assim como os adultos, as crianças recebem uma quantidade enorme de informações das mais diversas fontes. Desde muito cedo expostas a imagens, sons, publicidade, embalagens, impressos, vídeos e telas, começam a ver o mundo e dar forma a seus valores influenciadas pelo que veem, ouvem e clicam (FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020, p. 55)

É importante que os produtos da mídia sejam vistos com um olhar mais reflexivo pelo público infantil por meio de uma análise mais atenta que “vai prepará-las para uma vida de questionamento e reflexão diante do mundo ao fazê-las se atentarem, por exemplo, para questões relacionadas a preconceito, estereótipos e credibilidade” (FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020, p. 55).

Deve-se levar em consideração também que

Uma vez que os programas de televisão, os videogames, a música e mesmo os brinquedos se tornaram grandes transmissores da nossa cultura, os contadores e vendedores das histórias do nosso tempo, é agora, mais do que nunca, que as crianças precisam aprender a questionar criticamente as mensagens que as cercam e usar a grande variedade de ferramentas disponíveis para expressar suas ideias e exercer plena participação na sociedade (KELLNER; SHARE, 2008, p. 689).

Kellner e Share (2008) propõem uma pedagogia crítica frente aos meios para que o público possa ser tornar mais consciente sobre os conteúdos midiáticos que entra em contato.

O “Guia da Educação Midiática” (FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020) aponta que nesse caso o processo de alfabetização deve ser feito em etapas, de maneira simples e de forma a instigar a atenção e estimular a criança a pensar de forma mais crítica, bem como a questionar ações e comportamentos veiculados pela mídia, já que “perguntas simples provocam uma leitura mais atenta das mensagens e plantam importantes sementes” (FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020, p. 55).

Nesse sentido, o trabalho da Educação Midiática por meio dos princípios da Educomunicação – como o diálogo, a participação, a interação –, se torna essencial para que o processo de ensino-aprendizagem possa ser desenvolvido desde cedo, pois permitem o questionamento de conhecimentos e informações. Segundo Oliveira (2021), “a Educomunicação é um possível caminho para começar a desenvolver a alfabetização midiática com as crianças e de forma simples, a partir da análise da mídia” (OLIVEIRA, 2021, p.19), principalmente dentro da escola, por meio de atividades com conteúdos adequados à faixa etária e mediados pelos educadores.

Enfatiza-se que por meio do diálogo é possível promover a participação dos estudantes e a interação entre eles e os professores, que, como mediadores, conseguem contribuir para o entendimento sobre os conteúdos dos meios, fazendo-os refletirem sobre as mensagens que entram em contato, dando aos alunos protagonismo sobre aquilo o que assistiram e, a partir disso, por meio da identificação e representatividade, as crianças conseguem associar e questionar as imagens e narrativas do imaginário midiático com a sua própria realidade e desenvolver sua visão crítica frente ao que veem (OLIVEIRA, 2021, p. 224).

Nesse contexto, a figura do professor continua importante, como um guia do conhecimento. O educador ganha destaque devido à sua formação voltada exclusivamente para a interface Comunicação e Educação. No entanto, também deve-se pensar no professor da Educação Básica que não teve acesso a esse tipo de informação, e por isso “é preciso capacitar midiaticamente aqueles que irão atuar como mediadores entre os meios de comunicação e os alunos” (OLIVEIRA, 2021, p. 225) para que esse tipo de educação seja continuada ao longo de toda a formação da criança, adolescentes e jovens (OLIVEIRA, 2021).

Cabe ressaltar ainda que essas habilidades e o desenvolvimento do senso crítico também se dão além das disciplinas e do ambiente escolar, já que o consumo e a produção de conteúdo têm preenchido boa parte do tempo de nossas vidas, estando em contato com

as mídias em diferentes espaços sociais, onde também se aprende a partir da interação com o outro.

Fuenzalida (2012), em seus estudos sobre as mudanças na compreensão da televisão no âmbito da Educação para a Comunicação na América Latina, vê na família o agente educador principal da criança. Para ele, a casa é o lugar de recepção da televisão, seja aberta ou fechada, onde se materializa o cotidiano e as relações familiares junto de várias influências midiáticas e sociais, que promovem o diálogo entre mães e pais, irmãs e irmãos, tias e tios, avós e avôs, filhas e filhos. É possível, assim, pensar dessa maneira em outros formatos de mídia. E por que não o celular e o acesso às redes sociais?

Portanto, a Educação Midiática deve ser aplicada na escola, mas também é essencial o seu reforço dentro de casa, com a família, e em outros ambientes sociais, por meio de interações, já que a “a escola, os pais, a família e o Estado fazem parte da formação infantil, o que inclui a formação da visão crítica, e devem auxiliar as crianças com o uso da mídia” (BATISTA; RIBEIRO, 2010, p. 5). Reforça-se novamente a importância e a necessidade de que a Educação Midiática também chegue aos mais velhos, sejam eles familiares ou professores, para assim educar os mais jovens.

Considerações Finais

Um novo modo de ensino e aprendizagem, que cada vez mais precisa levar em consideração as diferentes linguagens e criações multimídia presentes na sociedade (APARICI, 2014), ao mesmo tempo que precisa ser adequado ao modo como crianças e jovens têm se relacionado com as novas tecnologias (BÉVORT; BELLONI, 2009).

Porém, não basta, apenas pensar no desenvolvimento de tais habilidades, mas de como criar cenários possíveis para que elas sejam trabalhadas de forma efetiva e contínua. E hoje esse tipo de alfabetização deve ser levado além da escola, por isso projetos como o do STF se mostram importantes para englobar toda a sociedade para uma produção e consumo mais conscientes dos produtos das mídias.

Existem obstáculos para a consolidação desse movimento em prol de uma sociedade educada midiaticamente que se arrastam há tempos, como a indefinição de políticas públicas e a falta de recursos para pesquisas; a falta de preocupação para esse tipo de formação, não só associada ao governo como um todo, mas às práticas econômicas e mercadológicas; além da desigualdade de integração das TICs aos processos educacionais e comunicacionais, bem como de acesso a elas e à própria *Internet*

(BÉVORT; BELLONI, 2009). Felizmente as discussões em torno do assunto têm se difundido justamente graças a essa realidade de produção de conteúdo por várias mãos, por meio de vídeos curtos nas redes sociais, podcasts e lives, por exemplo. Formatos que são utilizados pelo principal público que precisa dessa alfabetização.

A reflexão desse artigo fortalece a relação e aproximação de conceitos, práticas e princípios tanto da Educação Midiática e da Educomunicação desde a infância para que a sociedade esteja mais bem preparada para lidar com os novos desafios impostos a partir das tecnologias de Comunicação e Educação.

Referências

APARICI, Roberto (org). **Educomunicação: Para além do 2.0**. São Paulo, SP: Paulinas, 2014.

BATISTA, Aline de Jesus; RIBEIRO, Ana Caroline. A influência da mídia na criança/pré-adolescente e a educomunicação como mediadora desse contato. *In: Encontro de História da Mídia da Região Norte*, 1, 2010, **Anais eletrônicos [...]** Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2010. Disponível em: <http://www.alcarnorte.com.br/anteriores/anais2010/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2022.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. **Comunicação & Educação: questões delicadas na interface**. São Paulo, SP: Hacker Editores, 2001.

CITELLI, Adilson; OROFINO, Maria Isabel. Uma apresentação entre mediações. *In: OROZCO-GOMÉZ, Guillermo. Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania*. São Paulo, SP: Paulinas, 2014.

FERRARI, Ana Claudia; MACHADO, Daniela; OCHS, Mariana. **Guia da Educação Midiática**. São Paulo, SP: Instituto Palavra Aberta, 2020. Disponível em: <https://educamidia.org.br/guia>. Acesso em: 19 jul. 2022.

FUENZALIDA, Valério. Educação para a comunicação televisiva. **Comunicação & Educação**, [s.l.], v. 17, n. 2, p. 73-84, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/73539>. Acesso em: 19 jul. 2022.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. Ed. São Paulo; Aleph, 2009.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 104, p. 687-715, out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0429104.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2022.

MAGALHÃES, Cláudio Márcio. **Os programas infantis da TV: teoria e prática para entender a televisão feita para crianças**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007.

OLIVEIRA, Thayná Rafaela. **EDUCOMUNICAÇÃO, DESENHO ANIMADO E PÚBLICO INFANTIL: Análise e Sugestão para a Alfabetização Midiática na infância**. 2021. 272 p.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2021. Disponível em: <https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/9028>. Acesso em 19 jul. 2022.

PINHEIRO, Rose Mara. **Educomunicação nos centros de pesquisa do país**: um mapeamento das teses e dissertações disponíveis no banco da Capes. 2013. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-27022014-111812/pt-br.php>. Acesso em: 30 jul. 2022.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 15-26, jul./dez. 2014a. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/issue/view/6482>. Acesso em 20 jul. 2022.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação – contribuições para a reforma do Ensino Médio. 3. ed. São Paulo, SP: Paulinas, 2014b.

SOARES, Ismar de Oliveira. Introdução à edição brasileira. *In*: APARICI, Roberto (org). **Educomunicação**: Para além do 2.0. São Paulo, SP: Paulinas, 2014c.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato**, Brasília, ano 1, n.1, p. 19-74, jan/mar 1999. Disponível em: https://www.nceusp.blog.br/wp-content/uploads/2018/10/IsmarSoares_RevContato_1999.pdf. Acesso em 19 jul. 2022.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Programa de Combate à Desinformação no Âmbito do Supremo Tribunal Federal. *In*: **Supremo Tribunal Federal**, [2021?]. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/desinformacao/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

TIKTOK. Diretrizes da Comunidade. *In*: **TikTok**, 2022. Disponível em: https://www.tiktok.com/community-guidelines?lang=pt_BR. Acesso em: 18 jul. 2022.

VICENTE, Emerson. STF convoca professores universitários para ajudar no combate à desinformação. **Folha de S.Paulo**. 17 jun. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/stf-convoca-professores-universitarios-para-ajudar-no-combate-a-desinformacao.shtml>. Acesso em: 18 jul. 2022.